



Obra de Rapazes, para Rapazes. pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

SETÚBAL

Esta Casa tem muitos amigos e, por ela, eu também. Grandes amigos! Eles são uma barreira forte contra o desânimo. Abrem-nos os olhos para o amor!... São uma faceta do bafo divino que nos aquece. Aliás, o Pai Celeste usa infinitas maneiras de afugentar o desalento dos Seus servos!

Mais do que o hino da Natureza, nestas manhãs de Primavera, a força de Deus irrompe do fundo da consciência, por estas manifestações de comunhão na vida dos Pobres.

Quero falar-te, hoje, das Senhoras que nos vêm arranjar a roupa.

Há mais de vinte anos, quando Pai Américo saboreou, aqui, o primeiro calor humano que exalava deste grupo, enterneceu-se de alegria e teve para as Senhoras palavras indelévels. Eu ouvi de quase todas, e muitas vezes, o relato daquele encontro, de cariz indescritível, que elas faziam sempre de olhos brilhantes, inundados de lágrimas felizes.

Muitas já partiram a gozar «do que Me fizeste no mais pequenino dos Meus irmãos...»

Ao longo destes próximos anos passados, para nós, dos mais difíceis de toda a vida, têm sido as Senhoras da Quinta do Anjo e algumas de Palmela, quem nos tem vindo engomar, remendar e transformar a roupa.

É à quinta-feira, de todas as semanas. Vamos buscá-las na nossa carrinha às nove e meia da manhã. Estão, quase sempre, até às 19 horas com um pequeníssimo intervalo para o almoço e para uma bebida quente, ao meio da tarde.

Elas organizam-se e entusiasmam-se umas às outras!... Partilham da nossa vida. Querem saber dos nossos sucessos e fracassos. Alegram-se e choram connosco. Choram mais do que se alegram. Conhecem os rapazes. Beijam-nos. São discretas e inteligentes na sua acção. Não se intrometem.

Cont. na QUARTA pág.

Pobres

«A ninguém deveis coisa alguma, a não ser o amor mútuo, pois aquele que ama o Próximo cumpre a Lei.» (Rom. 13,8)

A quem anda pelas ruas da cidade, mesmo apressado nos seus afazeres, não consegue passar despercebido o número sempre crescente de mãos que se lhe estendem a pedir uma esmola. Na sua maioria, são mãos já treinadas por anos, nesta forma de vida. Mãos que se tornaram profissionais na arte de pedir porque a nossa sociedade lhes recusou, directa ou indirectamente, a utilização benéfica e criadora para que foram feitas.

É fácil distinguir estes profissionais no ofício. Já o não é a nova vaga que se serve de todos os expedientes, mais ou menos chocantes, para atrair a esmola do transeunte. Desde as crianças prostradas nos passeios das ruas principais às jovens mulheres com um ror de crianças à sua volta, passando pelas que expõem as suas doenças e chagas, até à descarada e multiplicada «praga» de crianças, disfarçadas de pequenos vendedores de coisas — tudo isto topamos com tal frequência que não podemos deixar de pensar nas razões fundas desta explosão de pedintes.

Não julgo, aqui, se estamos perante verdadeiros necessitados — que os há e muitos — se de

meros oportunistas, para quem todos os expedientes são bons, desde que levem vida fácil.

De qualquer maneira há mais culpa nossa, de toda a comunidade nacional, neste estado de coisas, quer da parte de uns, quer da parte de outros.

Voltaremos, noutra ocasião, a falar sobre este pecado que é colectivo, denunciado por este aparecimento de tantas centenas de mãos estendidas por esta cidade e que somam milhares pelo País fora. Hoje queria só fazer sobressair uma outra realidade semelhante, mas que pela forma como se processa é contrastante e que mais avoluma a nossa cota de responsabilidade neste pecado colectivo.

É que, se estes dão nas vistas pela forma e local em que se encontram, já não é fácil ao transeunte apressado atentar naqueles necessitados, normemente de certa idade, que passam despercebidos porque só os encontramos em ruas de menos movimento e só fazem um tímido gesto de pedir quando os nossos olhos dão nos seus. Olhos que logo se baixam e dão lugar a um certo rubor nas faces, a dizer da vergonha e da humilhação pelo que estão a fazer. Normalmente até apresentam uma compostura e dignidade pessoal que contrasta violentamente com os que procuram dar nas vistas. É, tam-

Cont. na QUARTA pág.

FESTAS

Terminam amanhã, 24 de Abril, as que a Comunidade de Paço de Sousa promoveu. Em Miranda do Corvo apuram-se os ensaios para a estreia no dia 30. É o momento de fazer o balanço delas.

Para quem ainda não entendeu o motivo profundo que nos leva a realizá-las, o sucesso contar-se-á pelo numerário que produziram. Se fora este o critério, pois é inegável o proveito: das bilheteiras, para a Casa do Gaiato; das capas para o Património dos Pobres, a que as destinámos este ano.

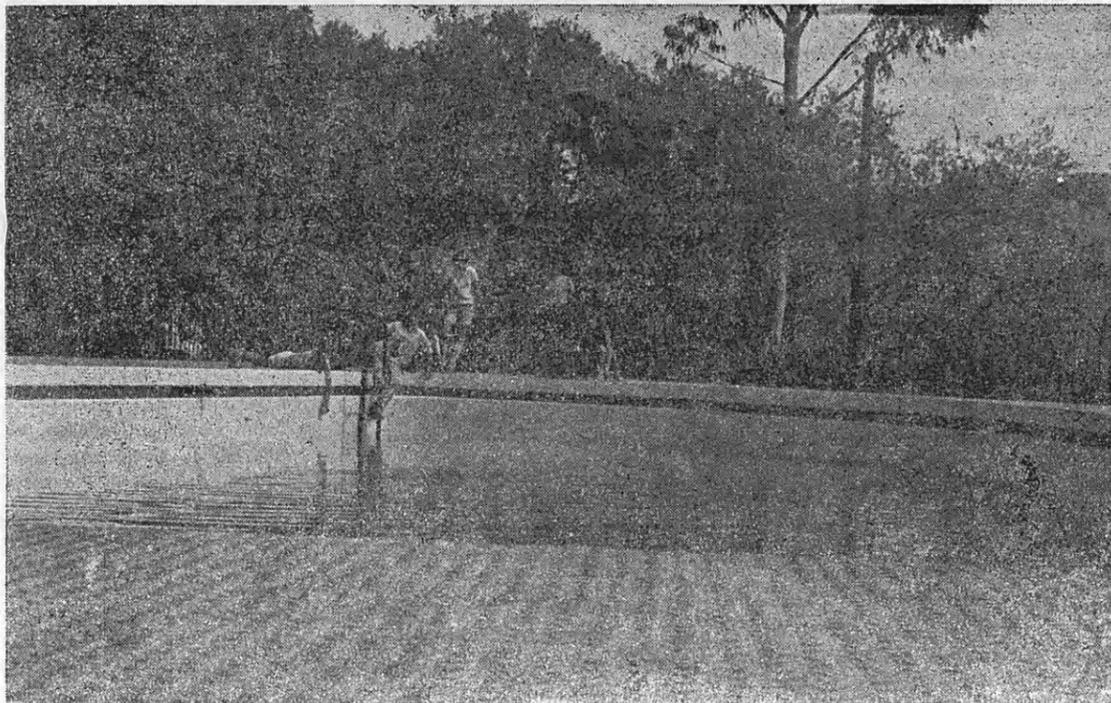
Porém, não é tal o nosso modo de ver e a nossa razão de agir. São os valores humanos que se jogam e se promovem a causa da nossa determinação. Só estes valerá a pena medir. E com os olhos neles, poderemos dizer, graças a Deus, que as Festas foram êxito.

Vistas de dentro, as nossas Festas importam esforço e sacrifício. Nós somos comunidades trabalhadoras onde, mau grado as idades juvenis e a contaminação do ambiente, ainda se trabalha. Daí que, sem auxílios oficiais com qualquer sombrazita de expressão, disfrutemos da moeda forte do crédito e sejamos solventes.

As Festas põem sob tensão a nossa vida de todos os dias e a actividade específica que elas exigem: trabalho criador dos que concebem o programa; e não muito menos criador dos que têm de fazer actores de quem não recebeu preparação nenhuma para tal. Pois, se de quando em vez, se descobre uma intuição ignorada, a maioria dos artistas dá do que tem... e não é a mais obrigada!

Assegurar a vida da Casa, mantê-la o mais normal possível; e preparar as Festas e andar nelas — representa um período de equilíbrio mais instável e pede um esforço redobrado, pequeno mas verdadeiro sacrifício. Temos bem a consciência disso quando apelamos à consciência e generosidade dos Rapazes, tanto dos que saem à Festa como dos que ficam em Casa. Constatar que o apelo não foi em vão, que se vem progredindo na perfeição deste esforço, no abraçar deste sacrifício — eis um dos mais impor-

Continua na QUARTA página



A piscina da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

AMIZADE FRATERNA — Foi o que o «Lita», o Véstias e eu tivemos oportunidade de viver, juntamente com cerca de sessenta jovens, que se encontraram no 45.º Convívio Fraternal, realizado no Seminário Maior de Coimbra.

Por lá estivemos durante três dias consecutivos, nos quais procurámos encontrar um Cristo novo; um Cristo diferente daquele que já conhecíamos; um Cristo que nós compreendêssemos melhor. Neste aspecto, o convívio foi muito bom para nós. Escutámos com atenção tudo quanto nos foi dito e meditámos bastante.

Conviver; sim, conviver mas a sério. A sério? Sim; a sério por um lado, mas «brincámos» muito. A «brincadeira» fazia parte da nossa amizade. Isto é, fazia com que nos sentíssemos mais unidos, mais fortes para podermos esquecer tudo e viver; viver para Cristo transpondo todo e qualquer obstáculo.

Amigos leitores, o Convívio Fraternal é qualquer coisa de muito superior às minhas palavras; é qualquer coisa magnífica para jovens. Robustece o coração, excita os ânimos e dá-nos a coragem para fazermos um Mundo Melhor.

PÁSCOA — Seguimos de perto os passos dolorosos de Jesus Cristo. Ficámos, uma vez mais, cientes de que Jesus sofreu porque nos amava. Jesus Cristo não é um revolucionário qualquer, definição absurda tendente a associar o ideal evangélico a inadmissíveis objectivos e que esquece a grande diferença entre Cristo e os revolucionários modernos, que consiste em que Ele não odiou ninguém, mas amou todos os homens e não verteu o sangue de outrém mas sim o Seu.

Enquanto não cessarem os raptos e a fúria homicida; enquanto existirem revólveres nas mãos de seres que levam a cabo os desígnios de Satanás, está-se longe, muito longe de alcançar um Mundo Novo, um Mundo Melhor!

É tempo de Páscoa. É tempo de reconciliação. Reconciliação entre todos os homens e em Cristo. Sejam cristãos, maometanos, budistas, etc., unamo-nos todos, sejamos irmãos; é Páscoa, é passagem do mal para a perfeição. Cristo morreu, mas depois passa do reino dos mortos para a Glória Eterna. Hoje continua a ressuscitar em nós. Cada vez que caímos Ele ajuda-nos a erguer e a sermos mais coerentes para com Ele. Cristo abre-nos os olhos se tentamos recusar ver a Sua presença no Irmão que ao nosso lado está humilhado e necessitado. Precisamos de ressuscitar, para que o mundo seja melhor. Precisamos dizer não à língua mentirosa; não a mãos que derramam sangue inocente; não a um coração que maquina projectos iníquos; não a pés apressados para o mal; não a testemunhas falsas; e não a quem semeia discórdias entre os Irmãos. «O ódio excita rixas, mas o amor encobre todas as faltas.»

Nós vivemos a Páscoa de uma maneira simples, fácil e até nada desa-

gradável. Na Quinta-feira Santa fizemos feriado o meio-dia da tarde e limpinhos e asseados fomos à Igreja celebrar e participar na Ceia do Senhor. Sexta-feira Santa, nós e Cristo percorremos os Seus passos para o Monte do Calvário (Via-Sacra); depois, recebemos a Comunhão. Sábado Santo, à noite, as tradicionais cerimónias durante as quais nós, gaiatos, embora bastante cansados e atacados pelo sono, aguentámos.

Durante estes três dias o órgão, a bateria, as violas e os coristas fizeram da Missa o que ela é, uma festa. Uma festa com «copo de água». Este ano e a partir deste momento tem que contar com mais dezoito convidados. Dezoito irmãos gaiatos que muito felizes fazem a sua primeira Comunhão.

Já noite cerrada, era tarde quando saímos da Igreja e, para continuar a festa (além disso a fomba fazia-se sentir), tivemos a agradável presença de nossos Amigos. Não vieram de mãos a abanar; trouxeram um holiho, isto é, um belo foliar, ainda quentinho, para cada um dos rapazes. Todos comemos foliar, fatias de bolo feito cá e, como não podia deixar de ser, amêndoas e rebuçados. Bebidas?! E para beber havia café com leite muito quentinho.

Não podia haver melhor desjejum para esta hora!

AGRICULTURA — E cá estão eles! Aqueles dias soalheiros de que nós necessitávamos para secarem tanta água existente nas terras e para que nós possamos plantar as nossas batatas.

E está «castiço» o dia de hoje! Sol... vento... e, enquanto um grupo sacha batateiras já crescidas, outros ainda agora começaram a semeá-las!

Mas não se há-de perder nada! Disto temos nós fé. Que Deus nos abençoe!

Benjamim

Tojal

CAMPO — Com o atraso pelas imensas chuvas que caíram, todavia, não foram impedimento bastante, fizemos a sementeira da batata.

Porque isso de «reforma agrária» é conversa que nunca nos serviu e, por outros lados, já vai estando bastante «reformada», apesar da insistência de alguns.

Fomos nós a pôr mãos ao trabalho. Temo-lo feito, fizemo-lo e sempre o faremos nós próprios. Os frutos terão outro sabor...

As favas e as ervilhas já se vão colhendo, se bem que não seja ainda em grande quantidade.

PEDIDO — Já há algum tempo que vos falei no caso de alguns Irmãos nossos, vítimas do processo de descolonização.

O estado de coisas é difícil e tem vindo a arrastar-se com imensas variantes.

De Moçambique chegou um rapaz que já fora nosso e, com ele, a sua esposa e uma filhinha.

Sem ninguém que os acolhesse nem recursos económicos suficientes para a sua subsistência, a Casa acolheu-os. Sintetizando: o que quero pedir é a vossa participação na elaboração do enxoval para receber o filho deste casal, prestes a nascer.

Vamos, em conjunto, atenuar as privações do Próximo e receber condignamente o novo ser que não se quer vítima.

CAMARATAS — As obras na nossa Aldeia prosseguem, ainda que a ritmo lento.

Ultimamente, a pouca mão-de-obra disponível para este sector tem-se ocupado de dois novos pavilhões que serão, no futuro, duas camaratas.

Porque tudo tem de ser previsto e preparado com tempo, surgiu-nos a ideia de vos convidar, mais uma vez, a participar no apetrechamento destes dois edifícios com capacidade para sessenta camas.

Jorge

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

VIÚVAS — Hoje, aparece-nos uma Viúva, que tem levado uma vida sacrificada desde que o homem faleceu, na década de 60.

Quería saber se teria direito a pensão de sobrevivência.

— A gente não sabe nada destas cousas!... Eu não tenho direito?!

Inquirimos onde e desde quando o homem trabalhou; se teria cartão de beneficiário, etc.

— Meu senhor, a gente mal sabe ler e escrever...

— Vá pra casa e procure os papéis. Depois, venha cá.

Havia tudo, bem conservado: cartão da Caixa, do Sindicato, bilhete de identidade!

O requerimento da pensão foi, logo, em grande velocidade, para Lisboa. Assinámos a rogo: «Eu mal sei escrever o meu nome!»

Agora, o dito anda por lá a passear de boi. É o costume.

Ela foi tão contente! Nós, idem. É nossa missão procurar, primeiro, a Justiça.

PARTILHA — Os nossos leitores, mais ou menos habituais, marcam sempre uma presença especial na altura das grandes festas do calendário cristão.

Assinante 19730, de Carcavelos, 100\$00 «com os desejos de uma Páscoa alegre». E continua: «Quando puder, irá mais alguma coisa.»

Outros 100\$00 de «uma Avozinha sanjoanense na festa de Santa Maria». E mais 100\$00 de Amélia, de Lisboa, que aparece regularmente.

A Páscoa trouxe mais 300\$00 de Távira «para o que for mais necessário». Já passámos recado ao «Algarvio». Aqui vai um grande abraço.

Naugatuck, U.S.A., 10 dólares: «Intenção minha da Quaresma para ali-

viar as dores maiores dos Pobres que, no fim da existência, não têm nem comer nem carinho de ninguém». E a nossa leitora faz, depois, uma interrogação: «Será porque vivo só, no fim da vida, que tanto me lembro dos que vivem em iguais circunstâncias?»

O problema da solidão, na terceira idade, é muito grave, tanto nos países em vias de desenvolvimento como nos países ricos. Ainda ontem, um pobre velho se nos queixou amargamente do desinteresse a que é votado pelos seus filhos. Ele, que, disse, para os criar, em épocas difíceis, teve de «comprar pipas de leite», já que a mulher não podia amamentá-lo. Casos destes não são raros. A gente topa-os em todo o lado!

Maíra, 100\$00: «É muito pouco, mas os muitos poucos juntos fazem alguma coisa». Lisboa, metade, pedindo perdão «por tão pequena migalha para a Páscoa dos nossos Irmãos mais pobres». Mais 100\$00 de Anta, Espinho. «Velha assinante de Estremoz» com uma presença oportuna: lá. Rua do Carmo, Porto, 200\$00. Gondomar, 500\$00 de «Eu-e-Ela»; e «mais uma vez sentimos a alegria de celebrar esta Páscoa partilhando com os vossos e nossos Irmãos pobres um pouco do que Deus nos deu. Que esta Páscoa seja para vós de muita alegria e paz». Retribuímos na mesma medida.

Porto, 200\$00 da assinante 11162, «migalhinhas dos meses de Março e Abril para os nossos Irmãos». Metade de Vilar Formoso. «Uma assinante do Seixal, com toda a amizade» enfileira, como sempre, levando, agora, na mão, «a partilha do salário de Março». Amigos de D. António Barroso, 20\$00 e «votos de Páscoa feliz». Voltamos a retribuir a todos, todos, na mesma medida. Por fim, 100\$00 da assinante 19177, do Porto.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

PÁSCOA — A nossa Páscoa foi mais ou menos dentro do costume dos anos anteriores.

Na Semana Santa fizemos as habituais cerimónias e os nossos padres fizeram-nos algumas considerações sobre a Páscoa.

Depois, no Sábado Santo, por volta das 11 horas da noite, assistimos à Vigília Pascal que acabou por volta da meia-noite.

Em seguida fomos ao refeitório onde desfizemos o apetite. No dia seguinte, ficámos na cama até ao meio-dia.

Ao almoço não faltou a boa disposição e todos gostámos de saborear os deliciosos hifes que os nossos «profissionais» cozinheiros nos quiseram oferecer.

A Cruz, símbolo da Ressurreição, lá esteve no centro do refeitório, bem à vista de todos.

Só foi pena, e nisso eu sou em certa medida culpado, que não distribuisse a «Voz dos Novos» que estava mesmo a calhar.

À tarde recebemos o Compasso, mesmo à saída do Terço.

Foi uma Páscoa, na opinião geral, mais fraca que outra qualquer.

VISITAS — Esteve connosco, na Páscoa, o nosso Paulo Mendão.

Veio, e está muito certo, visitar os irmãos neste dia festivo; pois então?

Mais directamente ligado ao Rogélio e ao Mendão, não deixou de rever os velhos camaradas.

Obrigado, Paulo, pela visita. Vem mais vezes, e, por parte de todos, desejo-te felicidades na tua vida, que deve ser bem difícil.

Até breve!

TEMPO DE SOL — «Quem espera sempre alcança»

Depois destes meses todos com chuva, finalmente sol.

Já todos estávamos fartos de chuva; e quem não estava?

O nosso grupo de futebol já pode ter ocasião de treinar mais um pouco, pois agora o sol já ajuda.



É o «Régua»

Ao dizer isto, oxalá que não comece outra vez a chover, pois com este tempo não podemos estar seguros de sol, mas de chuva... Parece que não ficamos por aqui!

AGRADECIMENTO — Os nossos atletas foram correr a Gondomar, no dia de Páscoa, de manhã. As classificações foram normais, mas o nosso Alvaro conseguiu, no meio de tantos, o 17.º lugar e coube-lhe, ainda, uma medalha. Obrigado e parabéns não só para ele mas para todos os que lá foram correr.

Não queremos só dizer isto, mas também agradecer à Associação Recreativa Aguiarense por ter atribuído a taça de simpatia à nossa equipa.

«Marcelino»

Tribuna de Coimbra

As alegrias pascais são também causa profunda de união de amor a todos os homens. Fazem-nos recordar a grande família humana e a grande família cristã a que pertencemos. A recordação do amor de Jesus Cristo a todos os homens estimula-nos a uma vivência de mais amor.

A nota pascal de mais simpatia familiar foi a vivência de festa de dezoito dos nossos que fizeram a sua primeira Comunhão. Eles mostraram-se tão felizes e nós procurámos acarinhá-los tanto que os beijos e abraços se tornaram fogo de amor.

Um grande amigo vizinho veio com a família e com um foliar para cada um, associar-se à nossa festa familiar. Foi uma grande vigília pascal e uma madrugada de ressurreição gloriosa.

Estiveram em união conosco muitos amigos que nos recordaram com suas ofertas e suas visitas. Recordamos os de Natal à Páscoa: Quinhentos que vizinho veio trazer; dois mil em carta por vizinho; quinhentos à mão; mimos para comer; outros quinhentos à mão; feijão, grão, batata e fruta da minha aldeia; 200\$+100\$+100\$ de Amigos de Condeixa; 240\$ e vinhos dum dos nossos; vários vales de Condeixa; os vales de Vilar Formoso; quantias para assinatura; colheita amorosa dos alunos da escola de Juncal do Campo; 1.000\$+500\$+250\$ levados ao Lar; 150\$ de sacerdote na Lousã; quinhentos que Senhora veio trazer; quinhentos em carta de Elias.

As amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel continuam a sua presença de há tantos anos.

Eram pequeninas e hoje querem semear nos filhos este amor que a Mãe semeou nelas. Quem diz que o amor envelhece? Se envelhecer deixa de ser. Mil de Senhora de Bazar. Outra prova de que o amor não cansa. Cartas do Estoril. Apresentamos no altar as intenções ao Senhor. Quinhentos em vale; 1.500\$ de promessa; a Senhora mordoma na angariação de carne em Tomar veio conhecer-nos de mais perto. Que feliz ela se sentiu! 12.295\$00 e os mimos na festa de Natal que amigos de Coimbra nos quiseram trazer. Também levaram os nossos mimos. Cem em cheque de Febres; mil em cheque dum dos nossos, professor; quinhentos levados ao Lar por novo doutor; mãe viúva com 1.200\$; 50\$ em carta; 300\$ de subscritora.

Cem da Mãe; 100\$+100\$+340\$+500\$+20\$ em reunião; 2.250\$ da Covilhã e a paixão pelos nossos livros; as recordações mensais pela Mãe Ana da Covilhã; 1.000\$ em vale de Buarcos; 150\$ dos amiguinhos de Mação; os cheques da Mealhada; 100\$ em carta; 500\$+1.000\$+500\$+5.000\$+500\$ levados ao Lar. E a presença tão querida de jovem casal que escolheu nossa Casa para o banquete e nos tem acarinhado tanto! Três mil em casa de Senhora que nos tem matado a fome muitas vezes.

Os envelopes entregues aos nossos pequenos vendedores; 200\$ em vale de médico de Vila-Mar; cama e colchões e roupas que fomos buscar; 500\$ de Senhora doente da Lousã; 1.000\$ de promessa da Neta; 50\$ da Avó; 100\$ deixados na Gráfica; 200\$ em vale da Lousã; 500\$ em cheque da Espadaneira; 1.500\$ em cheque de casal

francês que há muitos anos nos recorda no amor; 100\$ em vale de Ceira; 500\$ em cheque, de Coimbra; 1.000\$ em vale, da R. da Guiné; 885\$ numa reunião de casais cristãos; 100\$ dum elemento do coral de Santa Cruz; 100\$ do Guido; 500\$ a vendedor; 500\$ em cheque, de Leiria.

Cem de Cândida; 400\$ na visita que fiz; 500\$+500\$ por alma do Irmão que muito estimamos e pedimos ao Senhor que o tenha em Paz; 500\$ em cheque de Aldeia do Carvalho; 2.000\$ em cheque de Albergaria dos Doze; as lembranças das Linhas de Torres; roupas do Fundão e de Pombal e da Figueira e de Castelo Branco e de Tomar e de muitos lados; 150\$ no aniversário de «netinho»; 500\$ do primeiro ordena-

do; e muitas ofertazinhas de visitantes; 1.600\$ em vale; 500\$ em vale, de Nelas.

Cinco mil de sacerdote que sempre nos abriu as mãos; 3.000\$ de sacerdote que há muitos anos nos aparece; 100\$ e roupas de Professor do Luso; 50\$ à mão; 200\$ em vale; as quotas mensais a vendedor; 50\$ em carta; 200\$ de Leiria para colocarmos no altar; 184\$ em loja; 1.000\$ em cheque, de Tomar; 100\$ a vendedor das Caixas; 100\$ por alma do Marido; 2.300\$ por sacerdote da Figueira; 200\$+200\$+750\$ na igreja de Montes Claros; 500\$ dum dos nossos que passou; amêndoas e 500\$ dos Empregados dos C. T. T.; 3.450\$ e a visita dos mais responsáveis das Corporações dos Bombeiros; 200\$ à mão; 250\$ e mimos do Belo que criou o Joãozinho; 8.000\$ em vale de Alcobaça; 250\$ da Auto-Industrial; 100\$ de S. Romão; 300\$ de Serpins; 300\$ de Fernando da Amadora; vale do Luso; mais cartas; 100\$

de boleia; 300\$ por aniversário; 250\$ da família visitante dum dos nossos.

Todos os embrulhos e cartas e recados deixados na Casa do Castelo. Muita atenção que é para lá que vão todos os bilhetes para as Festas no Teatro Avenida. De lá só contamos trazer o dinheiro. Que feliz se sente todo o Pessoal daquela casa quando me entregam vossas ofertas!

A oferta mais impressionante veio da parte do Dr. Elísio de Moura que Portugal conhece. Tem dado toda a vida às suas meninas na Casa da Infância que ele fundou. Vai fazer cem anos. É uma relíquia. Relíquia de bem espiritual. Tem conservado alguma coisa para qualquer aflição. Agora resolveu entregar tudo e libertar-se. Deseja que o Senhor o leve em Paz. Além de «suas Meninas» recordou outros. Felizes todos os que amam e que amam o Senhor!

Padre Horácio

HOUVE FESTA

Quase à hora de nos dirigirmos para a capela a fim de celebrarmos a Vigília Pascal, fui abordado por alguns dos nossos mais pequenos que me entregaram uma folha de papel. Era um convite. Convite para assistir a um «espectáculo» organizado por eles. Com hora marcada — três da tarde de domingo de Páscoa. Lugar: perto do «Barraco». Pediam resposta assinada. Compromisso de presença. Disse que sim e assinei. A hora marcada, eu e os outros convidados, comparecemos.

Encontrámos um mini-teatro. Paredes feitas de folhas de árvores. Tábuas corridas para que se sentasse quem vinha assistir. Estrado de madeira fazia de palco. Lugar para a orquestra abrigado por cortina de plástico. Instrumentos musicais necessários a um conjunto: tábuas compridas e estreitas, presas por uma corda, faziam de violas; um conjunto de latas de vários tamanhos, para que fosse variado o som, serviam de bateria. Duas pequenas tábuas serviam de castanholas. Dois paus presos a elásticos serviam de microfones manuais. Os artistas atentos esperavam atrás do palco a sua hora de actuar.

Chegados os convidados, a sessão começou imediatamente. Houve canções interpretadas por vários solistas. Momento de poesia pelo Rogério. Tudo apresentado por um palhaço, o «Cebolinha», que ia dialogando com o público.

Eu vi e pasmei. Conheço-os e por isso mais admirei. Tudo feito por eles. Todos de palmo e meio. Organização impecável. Cada um no seu lugar. Nem um atropelo, nem uma discussão. Antes alegria, Paz, verdadeira celebração da Ressurreição. As três da tarde de Domingo de Páscoa no «Barraco»...

Padre Abel

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Mais sangue novo. Ele é todos os dias! E a gente fica radiante. Pois fica. Aquecemos O GAIATO número um ao nosso peito. E crescemos com ele, no meio dele...

Como é que a gente não há-de ficar radiante com novas assinaturas?!

É preciso sangue novo para tomar o lugar dos que vão ficando pelo caminho — até pela lei da vida.

Além do mais, não há jornal sem leitores. E, por esse mundo fora, quantos amigos da nossa Obra não foram ainda motivados para a leitura de O GAIATO?! Uma verdade incontestável.

Ora aqui está:

«Uma empregada doméstica conhecida veio-me entregar mil escudos para vos enviar. Seguem em vale do correio.

Emprestei-lhe livros e jornais vossos e ela apaixonou-se.

Tenho-os emprestado a quem pode bem mais; mas...

Esta empregada doméstica tinha medo de ser assinante, não fosse às vezes esquecer-se (da sua obrigação) ou não poder.»

Que alma delicada! É de Viseu.

Agora, Porto:

«Estou a escrever novamente com muita alegria, porque consegui arranjar mais uma amiguinha de O GAIATO. Ela quer receber já o vosso jornal...»

Temos mais assinantes de Braga, S. Mamede de Infesta, Santo Amaro de Oeiras, Coimbra, Águas Santas, Gradil, Leça da Palmeira, Vila Nova de Gaia, Lagoa (Algarve), Praia do Ribatejo, Gondomar e nova série de Rio Maior. Anda por lá uma grande fogueira! Por fim Rezon (França) e Maputo (Moçambique).

Júlio Mendes

PRESENCAS PASCAIS

Juncal do Campo:

«Que melhor comemoração da Páscoa que lembrarmos os que precisam?!

Foi meditando neste tema que nós, Gaiatos da Escola Primária de Juncal do Campo — Castelo Branco fizemos o sorteio de uma rifa de uma caixinha com amêndoas.

A caixa foi executada na aula de Trabalhos Manuais.

O produto da venda da rifa segue em vale, foi de 360\$00 que nós oferecemos com muito carinho aos Gaiatos nossos irmãos de Paço de Sousa.

Com um abraço para todos os Gaiatos e seus responsáveis e votos de uma Santa e Feliz Páscoa.»

Algés:

«Caros Irmãos:

Estamos em plena Quaresma, e aproximamo-nos rapidamente da Páscoa, a Grande Celebração de todos os Cristãos.

É nestas épocas que nós

costumamos fazer aquilo que devíamos fazer todos os dias, isto é, repartir cristãmente com os nossos Irmãos. Infelizmente não o fazemos; e até parece que quanto mais temos, menos o fazemos. Quase sempre, SEMPRE, quando pensamos neste nosso pecado, sentimos um desconforto maior no conforto que possuímos. A alma gela ao pensar que muitos dos nossos Irmãos (mais de metade da Humanidade) sofrem privações, alguns mesmo junto às nossas casas. Porque nos falta a coragem de agir? Perdoem-me este desabafo, esta confissão.

Junto envio, para o que entenderem, um cheque de 500\$»

Duas presenças pascais: a inocência e a consciência.

Não nos falte Deus com tão preciosos dons, para a construção da nossa Paz interior e, mediante ela, da Paz entre os homens.

Padre Carlos

Pobres

Cont. da PRIMEIRA pág.

bém, com acanhamento que mui disfarçadamente e como quem pede perdão, lhes meto nas mãos, em jeito de cumprimento, alguns escudos dos donativos que vamos recebendo. Eles não dão espectáculo e eu não o quero dar também. Basta a dor e a vergonha que lhes vejo estampadas no rosto e que eu sinto também.

Não escondo que fico abalado quando isto me acontece e que a sua frequência mais me entristece e revolta; e fico a pensar em todos estes dramas humanos e a lembrar que, como estes, são centenas as pessoas que nos seus acanhados quartitos vão resistindo, dia a dia, à descida à rua para mendigarem o pão e os

remédios para seus males. E, assim, acabam por cair na cama com fome e doença.

Ainda há dias fui alertado para o desaparecimento da senhora Carmo. A senhora Carmo viveu bem. Mas, há anos que foi obrigada a ir para um desses quartitos que já há muitos meses não paga ao subaluga. Simpática, de conversa agradável e espírito vivo para os seus 80 anos, angariou amigos em alguns bancos onde recebe ajuda para sobreviver e um pouco de conforto humano. Dias antes dela desaparecer do seu quarto, no meio de desabaços, dizia aos amigos com certa amargura e desespero: «Quem me dera a morte!» Temendo o pior, procuraram encontrá-la. Deram muitas voltas até que, quinze dias depois, apareceu e se

soube: a fome, a necessidade de remédios, prós seus males, obrigaram-na a sair em busca de ajuda. Porém, não aguentou e ficou prostrada na rua. O «115» levou-a para o Hospital de Gaia. Veio de lá melhor, mas a verdade é que voltou para a tragédia que se repetiu e com ela o desejo da morte. Os seus 80 anos a que devíamos dar conforto, paz e alegria, são assim consumidos na dor e desespero.

Amigos seus, para atenuar um pouco as suas dificuldades, trataram da sua pensão de sobrevivência. Se ela vier, será alguma ajuda. Mas temo muito que não chegue a tempo. É que essa coisa maldita que é a burocracia se colou à administração como uma sanguessuga e não há maneira de a largar sem a chupar

nosso encontro, deixemo-los falar pelas vozes de alguns que no-las fizeram chegar:

«Bons amigos,

Que bom é podermos encontrar mais uma vez neste espectáculo tão querido para mim.

Nunca deixeis de aparecer, pois é sempre neste dia que ponho as minhas contas para convosco, em dia.

Se possível uma oração por nós.»

É alguém do Porto. Alguém que todas as quinzenas tem uma oportunidade de encontro com os nossos ardinas. Mas na Festa é outro o sabor!

«Faltava-me a coragem para pedir a vossa ajuda, mas ela veio no dia em que em Aveiro vi os vossos rapazes.

Preciso que me ajudem. Peço pois o favor de ser recebido por um sacerdote a quem exporei o meu problema.

Podem dispor de mim aqui em que à vossa Obra possa servir. Creio que Deus, levando-me a dirigir a vós, me indicou o melhor caminho.»

Que bom — dizemos, agora, por nossa vez — servir-Se Deus de nós para levar coragem e esperança a uma alma atribulada!

Mas uma hora alta das nossas Festas é a das visitas aos que sofrem cativo. Tradição já de muitos anos que começou em Santa Cruz do Bispo e depois se estendeu à Cadeia Central do Norte e à Cívica do Porto, agora em Custóias.

Sobretudo nestas duas últimas, muitos jovens, vítimas da droga, de furtos por aventura, de diversas perversões... — vítimas, mais do que culpados, digo-o conscientemente, da licenciosidade estabelecida com foros de cidadania neste mundo enlouquecido aonde a Verdade, o Bem, a Justiça têm tão difícil acesso.

Em todas encontrámos Rapazes que foram nossos — frutos que se lançaram da árvore imaturos, levados pela pressa de viver. Ingénuos, ainda sem

todinha! Será que me vou enganar?... Que feliz ficaria! Mas... para principiar, o papel da Junta a dizer que a senhora Carmo não tem rendimentos superiores a 1.200\$00, ficou por perto de 70\$00. Fui eu quem tratou dele. Apelei para a indigência da senhora, mas nada. Eu queria acreditar que depois de tanto se falar na sorte dos menos favorecidos (agora têm medo de dizer POBRES) estes, teriam a colaboração de todos, a começar pelas suas Juntas de Freguesia. Mas não.

Se fosse a própria senhora a tratar dos papéis teria de desistir, pois 70\$00 para ela, é uma pequena fortuna. A não ser que fosse dar espectáculo prá rua — aí sim, até arranjaría 700\$00...

Estes contrastes são demasiado evidentes e trágicos para se calarem. Quantas senhoras Carmo por este País e quantas sem alguns amigos para as ajudar?!...

Porém é-nos muito fácil, mais cómodo e mais desresponsabilizante cumprir os nossos deveres perante a comunidade, dando uns escudos aos espectáculos públicos que atentam nos fundamentos profundos das nossas obrigações sociais. Mesmo para muitos que se dizem cristãos, dar esmola é resposta para calar a consciência, esquecendo que o Evangelho fala da esmola como dívida; como vida nova que se comunica; e não como paliativo, tão humilhante quão ineficaz, a camuflar o exigente dever da caridade.

Não; algo está mal na vida de Portugal e no pensar dos portugueses. A Revolução, a autêntica, é a do Amor — acção libertadora — que ainda não penetrou na nossa inteligência a ponto de desviar o nosso rumo de tantos egoísmos que cegam e ocupam selvaticamente o nosso coração.

Padre Abraão

FESTAS

Cont. da 1.ª pág.

tantes fundamentos do êxito, segundo a nossa perspectiva de valorização humana.

Vistas de fora, as nossas Festas constituem, ainda para os Rapazes, um aliciente ao seu brio, à sua responsabili-

dade na representação da Comunidade de que são embaixadores nas terras por que passam; e não só nos palcos, mas em todos os contactos que estas deslocações proporcionam. E são, também, uma grande experiência de fraternidade.

Em relação aos que vêm ao

ZONA NORTE

24 " " — Domingo, às 18.30 h.
COLISEU DO PORTO

ZONA CENTRO

30 de Abril — Salão dos Bombeiros
MIRANDA DO CORVO

1 de Maio — Às 15.30 h. e 21.30 h. — Teatro
Avenida — COIMBRA

3 " " — Teatro de ANADIA

6 " " — Cine-Teatro — TOMAR

7 " " — Casa do Povo — MIRA

9 " " — Teatro-Cine — COVILHÃ

10 " " — Cinema Gardunha — FUNDÃO

11 " " — Cine - Teatro Avenida
CASTELO BRANCO

14 " " — Salão dos Bombeiros
CANTANHEDE

16 " " — Teatro Casino Peninsular
FIGUEIRA DA FOZ

19 " " — Cine - Teatro Messias
MEALHADA

26 " " — Teatro José Lúcio da Silva
LEIRIA

27 " " — Império Cine-Teatro — LOUSÃ

29 " " — Teatro Alves Coelho
ARGANIL

Os bilhetes estão à venda em cada uma das referidas salas

SETÚBAL

Cont. da PRIMEIRA pág.

A Quinta do Anjo foi, desde o início desta Obra em Setúbal, a nossa «Ilha dos Amores».

O grupo de Setúbal que, durante tantos anos foi a Algezur e passou depois para o Lar nas tardes de segunda-feira, tem resfriado. Umas têm morrido, outras envelhecido e o grupo está quase reduzido a nada!... Dá-me pena!... Faz-nos tanta falta!... Há por esta cidade centenas de Senhoras que nos podiam ajudar... Tanto Bem que fica por fazer!...

O Reino de Deus faz-se com obras, não com palavras. O grande inimigo do ódio é o amor!...

Não podemos cruzar os braços iludidos por um sebastianismo utópico de qualquer matiz. É necessária a acção. Os Pobres e as Crianças precisadas, na nossa terra, são número incontável. Uma tarde por semana, quem não a pode dar?

Olha que as Senhoras da Quinta do Anjo, se levantam da cama, algumas, às cinco e meia da manhã para deixarem a sua vida em ordem. E são todas gente humilde e de trabalho. Inquieta-te.

O Reino de Deus é dos Pobres. Eu fico à espera.

Padre Acílio

capacidade para se defenderem quer da exploração dos do seu sangue quer da maldade dos ambientes, foram arrastados a esta meta falsa pela ânsia de um falso conceito de liberdade. Oxalá a experiência os vacine para sempre. E que a lição aproveite a todos nós.

Também um eco destes:

«Queridos amigos

Vos estou escrevendo esta simples carta, para vos agradecer a quanta alegria e felicidade que nos vieram dar nesta terça-feira, 5-4-77. Foi na verdade o momento mais feliz que tive na minha vida de cárcere e, é tão grande a satisfação que sinto que não sei como vos agradecer. Espero que daqui a muito anos vocês possam dar um pouco de carinho e alegria a todos quantos nestas casas

se encontram, pois espero dentro de poucos meses estar junto de vós ou, por outra, passar alguns minutos com vocês e visitar a vossa Casa.

Amigos, mais uma vez vos agradeço e que todos vocês, antes de praticar qualquer mal, pensem primeiro, pois que isto é o centro da maior solidão que se pode encontrar na vida.

Para todos vocês muitas felicidades e recebam um forte abraço deste vosso amigo.»

Foi na Semana Santa. Guardamo-la sempre para estes encontros — anúncio da Páscoa, a meta verdadeira para que cada homem nasceu.

Que eles sejam a bênção por excelência das nossas Festas. O resto é a Graça que o faz.

Padre Carlos



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa